FATORES MOTIVACIONAIS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA PARA PUBLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE SUA PRODUÇÃO EM REVISTAS CIENTÍFICAS[1]

Patricia Zeni MARCHIORI
Doutora em Ciências/Ciência da Informação e Documentação
Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciência e Gestão da Informação
Av. Pref. Lothário Meissner, 632 – Campus III –Jardim Botânico – Curitiba, Paraná, Brasil
e-mail: pzeni@ufpr.br

Anderson ADAMI
Bacharel em Gestão da Informação
e-mail: andersonadami@yahoo.com
Curitiba, Paraná, Brasil

Sueli Mara FERREIRA
Doutora em Ciências da Comunicação
Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes
Rua Prof.Lúcio Martins Rodrigues, 443 – São Paulo, Brasil
e-mail: smferrei@usp.br

Fulvio CRISTOFOLI
Mestre em Administração
Universidade Metodista de São Paulo
Rua do Sacramento, 230 – São Bernardo do Campo – São Paulo, Brasil
e-mail: fulviocristofoli@uol.com.br

Resumo: Apresenta abordagem relacionada à comunicação científica, sua dinâmica e seus atuais modelos e formatos para veiculação, distribuição e disseminação da produção acadêmica. Busca apresentar e analisar uma metodologia de estudo que está sendo gerada para se identificar, junto à comunidade científica, os principais fatores motivacionais para a produção e consumo de revistas e artigos científicos, quer em suporte impresso como eletrônico, quer de fonte aberta ou restrita, quer em portal de periódico ou em repositórios digitais. Acredita-se que essas atuais possibilidades somadas ao envolvimento dos próprios autores no processo de auto-arquivamento de sua produção, descrição de metadados e inclusão de arquivos minimamente formatados e estruturados tem tido implicações ainda maiores no escoamento da produção de docentes, em especial aqueles vinculados a áreas de humanas e sociais. Tais implicações esbarram em duas vertentes: a) dificuldade da comunidade em acompanhar o desenvolvimento tecnológico; b) atualização de infra-estrutura e treinamento adequado para o uso de tais tecnologias e do novo "fazer científico" emergente. As comunidades científicas, foco desse estudo, são os pesquisadores autores de trabalhos científicos que publicaram nos principais congressos brasileiros nas áreas de ciência da informação e ciências da comunicação no período compreendido entre 2000 a 2005.

Palavras-chave: motivação e produção científico-acadêmica; comunicação científica; tecnologias da informação e da comunicação; eventos científicos.

[1] Apresentado, em versão resumida, no GT 06 – Comunicação e Tecnologia da Informação do Intercom Sul / 2006 – VII Simpósio Regional da Pesquisa em Comunicação, com o título "Motivação e Produção Científico-Acadêmica: o Impacto das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação sob o Ponto de Vista de Autores"

INTRODUÇÃO

Durante as diversas fases que compõem uma pesquisa científica, o pesquisador necessita apresentar, com freqüência, os seus avanços aos pares, utilizando-se, para tanto, de um sofisticado sistema de comunicação. Neste sistema, o pesquisador é compelido não somente a disseminar sua produção — através de diferentes canais — mas a usar a informação produzida pelos colegas. Em suma, a evolução de qualquer ramo da ciência depende desta postura intrínseca do pesquisador: atualizar-se continuamente por meio dos conteúdos científicos publicados pelos pares, conteúdos estes que sustentam a sua própria produção científica, a qual também será disseminada para basear outras pesquisas.

A comunicação científica, em si, representa uma área do conhecimento de complexidade significativa no que diz respeito aos caminhos teóricos, epistemológicos e práticos, estabelecendo-se como uma disciplina de interesse da Ciência da Informação. Da mesma forma, por envolver processos eminentemente comunicativos, está estreitamente relacionada com a Ciência da Comunicação que, conforme esclarece Lopes (2004, p. 29), se constitui em uma área "cujos problemas surgem como importantes nos mais diferentes domínios – economia, política, estética, educação, cultura etc – em que a pesquisa não pode ficar confinada em uma única dimensão". O ato de comunicar, entre diferentes sentidos e abordagens, é condição *sine qua non* para a existência do pensamento científico. É inegável que a informação agrega valor somente mediante o seu uso e, para que possa ser útil, ela precisa ser comunicada. Portanto, comunicar a informação científica constitui uma regra essencial, conforme denota Meadows (1999) ao afirmar que o aumento do conhecimento depende de sua comunicação. Le Coadic (1996, p. 27) observa ainda que "a informação é o sangue da ciência", assim como "a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente". Neste aspecto, pode-se dizer que produzir informação e conhecimento é fundamental, mas comunicar o que se produz é imprescindível para o desenvolvimento da ciência. Portanto, informação e comunicação são áreas privilegiadas enquanto sujeito e objeto de pesquisa no que concerne à criação e disseminação de conhecimentos em espaços dinâmicos de aprendizagem.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

É importante destacar que esta pesquisa está em andamento e pretende-se, neste momento, especificar os grandes temas que envolvem a pesquisa de campo, que são: a comunicação científica, as NTICs enquanto fator de mudança nos fluxos e processos relativos à comunicação científica, os eventos científicos enquanto canais de comunicação e os fatores/dimensões da motivação. A partir da identificação dos principais fatores que sustentam o

interesse de autores e pesquisadores a apresentarem trabalhos em eventos científicos (e a posterior escolha de outros canais mais formais de comunicação, tais como o periódico científico, capítulos e livros no todo), um instrumento de coleta de dados será aplicado para um universo de sujeitos autores de comunicações em eventos. A pesquisa de campo incluirá abordagens relativas aos impactos das NTICs nos processos motivacionais intrínsecos e extrínsecos dos entrevistados, o que revela uma preocupação na definição e aprimoramento de uma proposta metodológica voltada para fatores mais subjetivos (relativos ao contexto e ao processo de produção científica propriamente dito), temas normalmente não discutidos em abordagens tradicionais (bibliométricas, por exemplo).

Pretende-se trabalhar com um universo de autores de comunicações orais apresentadas em eventos científicos nas áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Comunicação Social, cujos trabalhos foram divulgados em anais eletrônicos (Internet e/ou CD-ROM) entre os anos de 2000 a 2005. No caso da área de Ciência da Informação e Biblioteconomia, será objeto de estudo os trabalhos orais registrados em anais de edições do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) e do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação e Ciência da Informação (CBBDC). Na área de Comunicação, a fonte de dados para a localização dos autores são, igualmente, os trabalhos orais publicados nos anais de edições de 2000 a 2005 do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom).

Cada autor será contactado através do e-mail mais recente disponibilizado no(s) trabalho(s) identificados. Neste primeiro momento, não importa que o trabalho tenha autoria múltipla, pois o que se pretende investigar são os fatores motivacionais individuais (incluindo-se questionamentos de impacto das novas tecnologias), assim como alguns aspectos relacionados à transição da comunicação oral para um artigo de periódico (ou outro veículo de formalização). O instrumento de coleta de dados (questionário semi-estruturado) será anexado ao e-mail, e o retorno dos autores será controlado em base de dados própria.

Na seqüência do estudo, pretende-se trabalhar os dados entre as áreas definidas no escopo total do projeto, identificando-se os principais pontos de convergência/divergência e oferecendo pontos para ajustes e reflexão da produção científica em Ciência da Informação e Comunicação.

A DINÂMICA DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

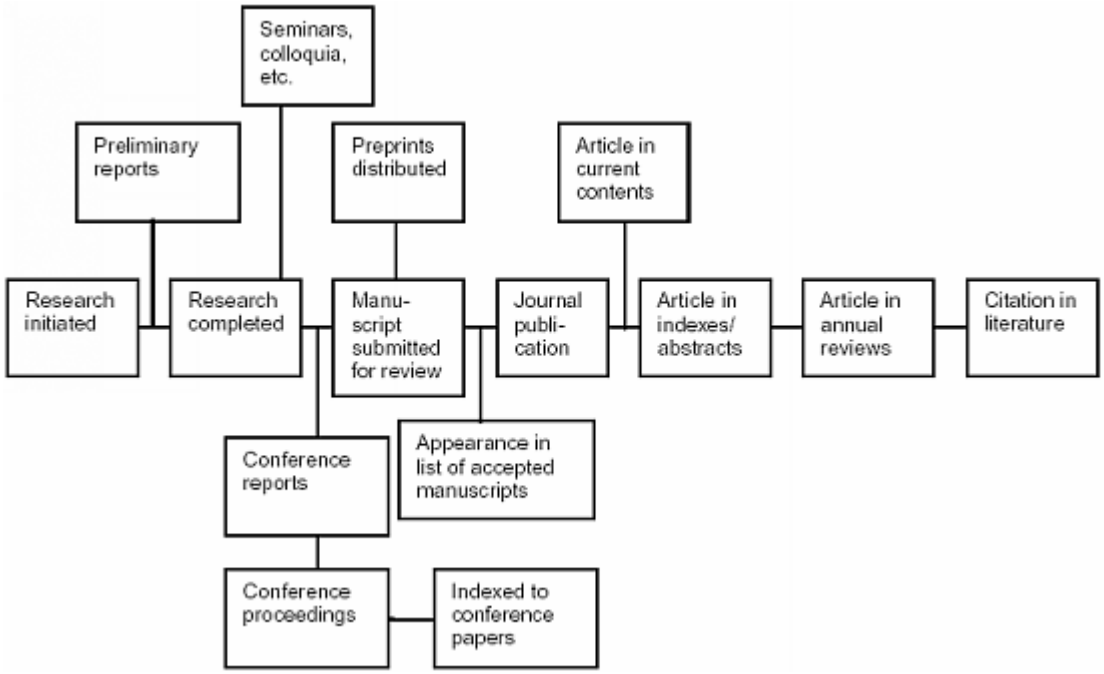
Entre os canais utilizados para comunicar o conhecimento científico, cita-se pelos menos duas categorias: os canais formais e os informais. Os primeiros são assim denominados porque respeitam procedimentos rigorosos para efetivar a comunicação, envolvendo a avaliação

dos pares e, de fato, constituindo uma maneira de formalizar o conhecimento produzido para os membros da comunidade científica. Mueller (2000) esclarece que os livros e os periódicos científicos são exemplos expressivos deste tipo de canal, mas que também pertencem a esta categoria a vasta documentação composta pela literatura cinzenta. Neste particular, Auger (1998), conceitua a literatura cinzenta como um tipo de literatura restrita aos meios em que é produzida, sendo indisponível em formatos de publicação convencionais. Nos canais informais, conforme salienta Loureiro (2003), a informação é comunicada de forma restrita, obedecendo gradualmente a procedimentos de formalização e avaliação. Como exemplo desta categoria pode-se citar os eventos científicos — os congressos, simpósios, encontros, colóquios, fóruns etc — que congregam os pesquisadores da área, assim como os colégios invisíveis, que pode ser entendido como a comunicação que ocorre no dia a dia de um círculo restrito de pesquisadores.

No início dos anos 60, os pesquisadores William Garvey e Belver Griffith propuseram um modelo de sistema de comunicação científica (Figura 1) que foca o processo de produção, disseminação e uso da informação, refletindo com clareza a existência dos canais formais e informais de comunicação.

O modelo Garvey-Griffith, consideradas as diversas etapas que compõem a comunicação científica, demonstra que muita coisa mudou ao longo dos últimos 40 anos. Este modelo sustentou que, uma vez iniciada uma pesquisa seriam produzidos vários relatórios preliminares no âmbito da instituição patrocinadora da investigação e, normalmente, de cunho mais confidencial. Na seqüência, observou-se que não eram produzidos apenas relatórios internos, mas também passou a se tornar comum a ocorrência de comunicações em eventos (Petroianu, 2002) e, até mesmo, a publicação de relatórios e de resultados preliminares em periódicos científicos — conforme assevera Meadows (1999) — antes mesmo da pesquisa ser finalizada. Uma explicação para tanto é a necessidade dos pesquisadores obterem *feedback* dos pares durante o andamento da pesquisa.

FIGURA 1 - MODELO GARVEY-GRIFFITH



Fonte: Adaptado por Hurd (1996)

Também sofreram mudanças os procedimentos atrelados à submissão e publicação do trabalho de pesquisa em canais formais — em que um texto pode ser publicado como artigo de periódico ou como livro —, mas tais mudanças, via de regra, mantiveram o rigor que envolve a seleção do texto para publicação. Seja para publicação em periódicos ou como livro, há comissões responsáveis por avaliar, revisar e selecionar os textos submetidos pelos autores. A começar pela avaliação, há muito a ciência envolve um sistema conhecido como *peer review* (revisão por pares), que é fundamental para assegurar que a informação produzida seja confiável, bem como as novas colaborações correspondam ao pensamento da comunidade científica da área, a qual assume, deste modo, uma posição consensual quanto aos textos produzidos.

Vanti (2002, p. 152) assim esclarece a importância da avaliação neste contexto:

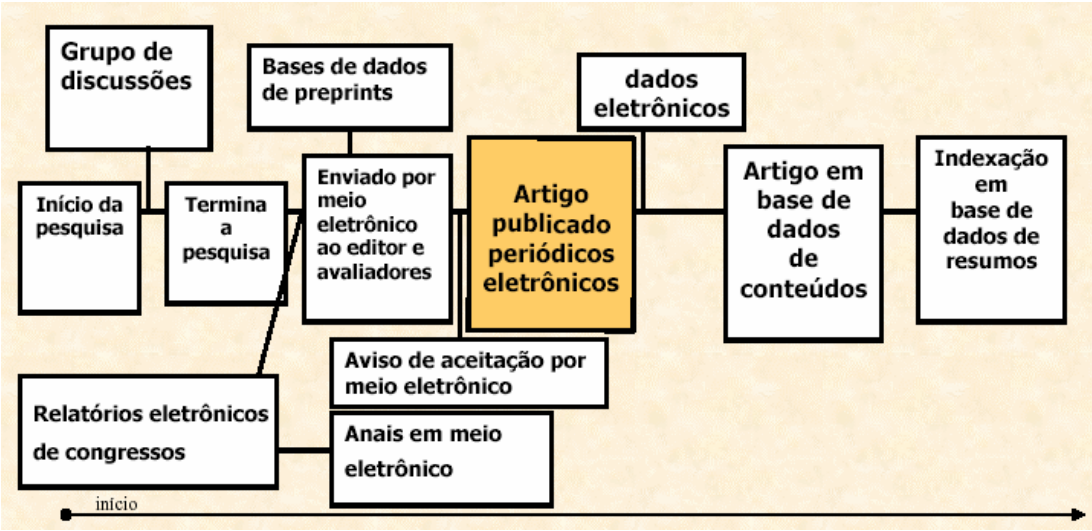
> A avaliação, dentro de um determinado ramo do conhecimento, permite dignificar o saber quando métodos confiáveis e sistemáticos são utilizados para mostrar à sociedade como tal saber vem se desenvolvendo e de que forma tem contribuído para resolver os problemas que se apresentam dentro de sua área de abrangência.

Nas etapas e modificações subseqüentes apresentadas e adicionadas ao modelo original de Garvey-Griffith, percebe-se o anseio cada vez maior dos editores, assim como dos autores de livros e revistas, para que suas publicações sejam indexadas, tradicionalmente em anuários e outras publicações do gênero e, atualmente, em bases de dados.

Entre as mudanças mais significativas sofridas no modelo apresentado por Garvey e Griffith, a maior parte destas estão atreladas às NTICs. Com efeito, tais mudanças podem se caracterizar por serem ainda recentes, contudo irreversíveis, assim como por serem motivadas principalmente por fatores relativos ao custo e tempo menores que a publicação eletrônica propicia tanto aos produtores da informação quanto aos seus consumidores — e isso é tudo que a comunidade científica sonhou: acesso rápido e a baixo custo ao conhecimento.

Moreno e Arellano (2005) ilustram muito bem estas mudanças ao constatarem que, entre as diversas etapas previstas no modelo de comunicação científica proposto por Garvey e Griffith, a maior parte delas envolve a intermediação de suportes eletrônicos, o que representa redução de tempo e de dinheiro, conforme pode ser observado na Figura 2.

FIGURA 2 - MODELO GARVEY-GRIFFITH - RELEITURA



Fonte: Adaptado por Moreno e Arellano (2005)

Como exceção às mudanças, conforme anteriormente mencionado, cita-se o processo de avaliação que, depois da realização da própria pesquisa, constitui a etapa mais morosa do sistema. Precisamente este aspecto tem sido motivo de grande preocupação para a comunidade científica, uma vez que a facilidade de publicar conteúdos na Internet pode, em alguns casos, levar novas gerações de editores e revisores a serem menos rigorosos na avaliação e seleção dos textos a serem publicados.

Em comum, ainda, deve-se citar as motivações que, desde séculos, mantém ativo o sistema de comunicação científica. Uma motivação clássica, prevista no modelo tradicional e atualmente valorizada de forma expressiva, é a contribuição dos pesquisadores com novos conhecimentos, cujo indicador tradicional é o volume de citação. Em análise última, a citação representa o uso efetivo da informação produzida e publicada, convertendo-se em prestígio e reconhecimento aos autores, editores etc. Por outro lado, embora várias motivações tenham sido preservadas no recente processo de introdução das NTICs, presume-se que este mesmo processo gerou novas motivações no sistema de comunicação científica, bem como transformou outras. De maneira geral, presume-se que os meios eletrônicos interferem positivamente em todo o fluxo da informação e que os pesquisadores podem se sentir mais motivados para apresentar trabalhos dada esta potencial facilidade para a produção, submissão, aceitação, publicação, disseminação e uso (tal como representado na Figura 2). No que diz respeito especialmente aos eventos científicos esta suposição deve se confirmar.

OS EVENTOS CIENTÍFICOS

Os eventos ou encontros científicos reúnem, comumente, profissionais, especialistas, estudantes e outros grupos interessados em compartilhar e obter conhecimentos sobre uma determinada área. De forma geral, nem todo evento é, necessariamente, científico, uma vez que também pode ser de natureza técnica, empresarial ou deliberativa. Conforme elucida Secaf (2004), quando caracterizados como científicos, os eventos refletem denominações variadas, salvaguardadas as finalidades que se busquem, tal como congresso, simpósio, colóquio, jornada, conferência, seminário, convenção, encontro, fórum, workshop etc. Como principais funções dos eventos científicos citam-se: criar oportunidades para a troca de experiências entre os pesquisadores; atualização sobre os progressos recentes de uma área; sistematizar os avanços mais recentes em uma área; divulgar novos conhecimentos; e, traçar diretrizes e metas para os futuros empreendimentos numa determinada área do saber.

A participação em eventos científicos pode envolver o pagamento de taxas ou não, constituindo-se, a mesma, em pelo menos quatro categorias: membros da comissão científica ou organizadores, que são os responsáveis pela organização e realização do evento; participantes convidados, que compõem o programa oficial do evento, recebendo convite para participação como palestrantes, conferencistas, debatedores, coordenadores de mesa etc; participantes ou congressistas, que constituem a audiência ou público-alvo para quem o evento foi criado; e os apresentadores de temas livres, representados pelos congressistas que optaram por submeter e comunicar um trabalho para os colegas.

Os trabalhos apresentados em eventos passam por um controle de qualidade intelectual, sob incumbência de especialistas, incluindo eventualmente o sistema de revisão por pares — *peer review* — antes de serem publicados, o que pode ocorrer antes ou após sua realização. O documento resultante de um evento normalmente é chamado de anais — *proceedings* — e, via de regra, é distribuído apenas aos participantes. Este caráter não comercial da distribuição dos anais, aliado ao fato de que as comunicações em eventos caracterizam-se como semi-formais, cuja ocorrência, não raro, figura no início do processo de produção científica, constituem aspectos que permitem incluí-los na categoria de "literatura cinzenta" (ou não-convencional).

Enquanto estrutura, um evento científico envolve, além das palestras, mini-cursos e outras atividades, pelo menos duas categorias de apresentações de trabalhos, também designados como temas livres: as comunicações orais e os pôsteres. Conforme esclarecem Schmidt e Ohira (2002), uma comunicação oral consiste na exposição verbal de um trabalho, em intervalo de tempo padrão e pré-determinado (entre 15 e 20 minutos, podendo variar de área para área) o que é corroborado por Carmo e Prado (2005), que ressaltam que uma das finalidades finais deste tipo

de trabalho é relatar sucintamente um estudo ou pesquisa realizado, indicando os aspectos mais relevantes do mesmo. Além disso, Costa *et al* (2002) acrescentam que uma comunicação pode envolver o uso de recursos didáticos (cartazes, flip-chart), audiovisuais (computador, projetor multimídia, retroprojetor, projetor de slides, videocassete, DVD etc) e amplificadores de voz (microfone). A escolha destes recursos se justifica segundo três objetivos: "destacar as informações importantes, facilitar o acompanhamento do raciocínio e fazer com que os ouvintes se lembrem das informações por tempo prolongado" (COSTA *et al*, 2002). Entretanto, Carmo e Prado (2005) salientam que, entre todos os recursos, o mais importante é a própria fala do apresentador, cujos atributos para uma exposição bem sucedida são: domínio do assunto apresentado; o emprego de linguagem adequada; a postura correta (expressão corporal); e guiar a fala, dentro do possível, com naturalidade, espontaneidade, autoconfiança e entusiasmo. Finalizado o tempo da comunicação, normalmente é instituído um tempo extra (de cinco a 10 minutos, igualmente variáveis) para o debate, discussão e esclarecimentos sobre o trabalho apresentado. Em alguns casos, opcionalmente, o tempo para as discussões é deixado para o final de todas as apresentações.

O pôster, por sua vez, consiste em um cartaz com dimensões de, normalmente, 1 metro de largura por 1 metro de altura, cujo conteúdo consiste na síntese de uma pesquisa. Os pôsteres são fixados em painéis (estrutura criada especialmente para fixar os pôsteres), os quais se distribuem em local definido pelos organizadores do evento (normalmente designada como "sessão de pôsteres"). Carmo e Prado (2005, p. 139) esclarecem que "a proposta é possibilitar que os visitantes circulem por entre os pôsteres e optem por ler o conteúdo daqueles que mais lhes interessem, podendo interagir com o expositor através de pedidos de esclarecimentos, questionamentos, sugestões etc".

Uma vez expondo suas idéias a um público mais amplo de pares, o autor de comunicações (e pôsteres) em eventos científicos pode estar motivado — e, possivelmente, desde o início de sua pesquisa — pela oportunidade de apresentar o seu trabalho para apreciação prévia dos pares antes desta ser finalizada. Compreende ainda que a etapa seguinte seja a de efetivar as alterações provindas da discussão ocorrida no evento, com o intuito de continuar a investigação e, enfim, formalizar suas contribuições por meio da transposição de sua comunicação oral (ou pôster) para vetores mais formais, tais como artigos de periódicos e capítulos de livros, por exemplo. Para o autor, é importante que se amplie à audiência e, teoricamente, a possibilidade de discussão de suas idéias por seus pares a partir de mecanismos que reforcem a qualidade do conteúdo exposto. Contudo, não raro, esta transição não é de todo suave, pois inerente ao processo, há o risco do trabalho — que já fora apresentado em evento —,

quando submetido para publicação em canais formais, seja recusado pelo conselho avaliador da revista ou editora escolhida. Muller, Campelo e Dias (1996) respaldam esta afirmativa, declarando que:

> a qualidade dos trabalhos apresentados em um dado evento é geralmente muito variada. Ao contrário das dissertações e teses, que são submetidas a uma comissão examinadora rigorosa para aprovação, ou dos artigos de periódicos, que são submetidos à avaliação prévia cuidadosa por especialistas, os trabalhos de eventos diversos são avaliados de maneira mais leve. O autor e a platéia que ouvirá a sua exposição, ou os leitores que lerão mais tarde os anais sabem que a pesquisa pode não estar concluída, ou que a versão apresentada não é, ainda, necessariamente a versão final.

Por outro lado, a apresentação de relatórios e trabalhos em congressos, segundo Mueller (2005), é tão prestigiosa para as áreas de tecnologia e de ciências aplicadas quanto a publicação de artigos científicos. A autora destaca que as "... preferências de pesquisadores das diversas áreas se refletem no prestígio ou valor que atribuem aos diversos canais de comunicação e divulgação" e que o estabelecimento de padrões para a avaliação da produção e produtividade científica de pesquisadores enfrenta controvérsias entre os que defendem que as regras devem ser iguais para todos e aqueles que consideram que as especificidades de cada área precisam ser respeitadas.

Cumpre observar que o estudo de Mueller apresenta considerações relacionadas às áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, incluindo ainda a Lingüística, Letras e Artes. Para o primeiro grupo, os canais preferenciais foram os periódicos nacionais e livros, ainda que publicassem também, mas com menor freqüência em periódicos estrangeiros, congressos nacionais e capítulos de livros. Os resultados revelaram que este grupo publica "apenas marginalmente [...] nos anais de congressos estrangeiros". O segundo grupo se assemelha ao primeiro quanto às preferências, sendo que os canais mais freqüentes são "os periódicos nacionais seguido dos capítulos de livros". Contudo, uma distinção ocorreu entre os pesquisadores das Ciências Humanas (que preferiram, pela ordem, os congressos nacionais, livros e periódicos estrangeiros), "enquanto Lingüística, Letras e Artes deram preferência aos livros seguido de periódicos estrangeiros e depois congresso nacional. Pesquisadores das duas áreas publicaram apenas marginalmente em anais de congressos estrangeiros."

Finalizando o estudo, Mueller destaca que, para o grupo intencionalmente escolhido (bolsistas de pós-doutoramento), pode-se pressupor certo amadurecimento na carreira científica e uma disposição para a pesquisa e auto aprimoramento. Neste sentido, tanto o conceito de

“disposição” como o de “auto aprimoramento” estão intrinsecamente ligados às condições extrínsecas e intrínsecas da motivação.

A MOTIVAÇÃO

Motivo é uma palavra proveniente do latim (*motivu*). Significa, comumente, o que move, mas também indica causa, razão, fim, intuito. Considerados os propósitos do presente estudo, motivação pode ser definida como “o conjunto de processos implicados na ativação, direção, intensidade e persistência da conduta” (Godoi, 2001). Segundo Campos (1983) Freud trouxe, com a psicanálise, as primeiras contribuições significativas para o estudo da motivação, estabelecendo seis princípios fundamentais:

> [a] Todo comportamento é motivado; [b] A motivação persiste ao longo da vida; [c] Os motivos verdadeiramente atuantes são inconscientes; [d] A motivação se expressa através de tensão; [e] Existem dois motivos prevalecentes face à sua possibilidade de repressão: o sexo e a agressão; [f] Os motivos têm natureza biológica e inata. (CAMPOS, 1983, p. 92)

Citando Freud, a autora também esclarece que qualquer processo é originado por um estado de tensão psíquica que, para ser anulado ou aliviado, envolve uma fuga ou a produção de prazer. É daí que surge o princípio do prazer, que é dominante na infância e, na vida adulta, é substituído pelo princípio da realidade, que propicia a capacidade de adiar o prazer, de suportar desconfortos transitórios em vista de recompensas futuras.

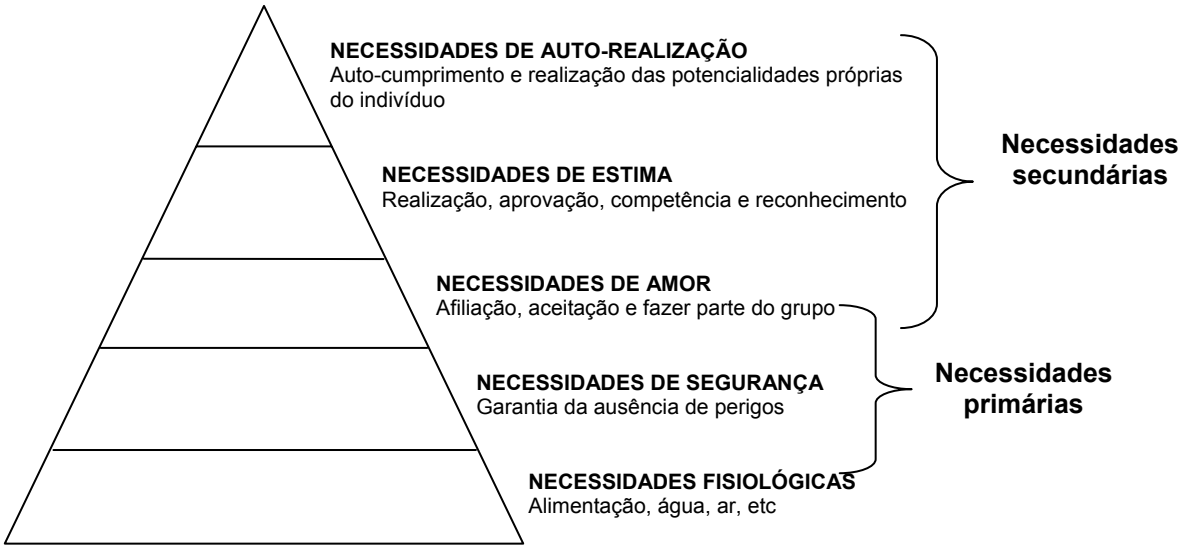
Segundo elucida Godoi (2001), posteriormente a Freud a motivação passou a ser enfocada diversas vezes, constituindo-se em abordagens ou semi-teorias cujos autores, cada qual à sua maneira e respeitando prioridades intrínsecas às suas disciplina de estudo, apresentaram explicações fragmentadas sobre o campo motivacional. As principais disciplinas neste caso, explica a autora, inserem-se no âmbito da Psicologia (de onde estes estudos se originam), da Gestão e da Educação.

Entre as principais abordagens relacionadas à motivação, destacam-se:

a) Hierarquia das Necessidades de Maslow

Nesta teoria, Abraham Maslow defende que os seres humanos são naturalmente insatisfeitos e, deste modo, estão permanentemente buscando satisfazer suas necessidades, as quais são sintetizadas na Figura 3, a seguir.

FIGURA 3 – HIERARQUIA DE NECESSIDADES DE ABRAHAM MASLOW



Conforme esclarece Davidoff (1983), o homem busca satisfazer inicialmente suas necessidades mais básicas, como a alimentação e a moradia. Depois disso, passa a atender suas necessidades de caráter social, de caráter emocional e aquelas voltadas à sua auto-realização. No entanto, o avanço às necessidades secundárias é condicionado à satisfação das primárias. Por exemplo, uma pessoa que enfrenta uma necessidade fisiológica, tal como a fome, pode arriscar a própria vida para buscar alimento e, só depois disso, atenderá a necessidade de segurança. Ao abordar essa teoria, Barros (1986, p. 139-140) observa que, quando todos os motivos se encontram satisfeitos, então surge o motivo da auto-realização que, para Maslow, representa o desejo de satisfação própria.

b) Teoria dos dois Fatores de Herzberg,

Pesquisando a motivação no ambiente de trabalho, Frederick Herzberg identificou duas ordens de fatores que interferem no comportamento do homem: fatores higiênicos (ligados às necessidades biológicas, extrínsecos ao indivíduo) e fatores motivadores (relativos à necessidade de realização e reconhecimento, intrínsecos ao indivíduo).

O termo “higiene”, nesse caso, denota um caráter preventivo, representado pelo desejo de se evitar a insatisfação no trabalho. Por isso, fatores higiênicos se referem às condições que cercam o empregado: o salário, benefícios sociais, etc. Os fatores motivadores, por sua vez, dizem respeito tanto às atividades desempenhadas pelo funcionário, quanto ao reconhecimento que obtém com as tarefas que executa, que deveriam representar uma satisfação duradoura.

De acordo com Fiuza (2002), através deste enfoque Herzberg destacou a diferença entre a satisfação e a insatisfação profissional, observando que os fatores motivacionais podem

contribuir pela primeira, mas os fatores higiênicos não. Em contrapartida, o não atendimento de fatores higiênicos geram a insatisfação dos empregados.

c) Motivação de realização de Atkinson e McClelland

Conforme Godoi (2001), esta abordagem pode ser compreendida como a disposição do indivíduo em motivar-se frente a desafios para alcançar o sucesso e a excelência. A autora destaca que o motivo de realização se baseia em três pilares: 1) modalidades de realização, que se dividem em instrumentais, afetivas e cognitivas; 2) tipo de confrontação, configurando a disposição do indivíduo para confrontar-se com os desafios; e 3) a perspectiva temporal.

A teoria sustenta que a realização humana resulta de um conflito que nasce pelo esforço de alcançar o êxito e de evitar o fracasso. Tal teoria ganhou novas versões a partir de diversos autores que procuraram relativizar o enfoque original segundo a realidade da educação e das organizações modernas. Entre tais versões, uma toma a motivação com um impulso, uma necessidade interna que move a ação do indivíduo; outra compreende a motivação como incentivo, no qual em vez de impulsionar a ação o indivíduo, o atrai.

Para Godoi (2001, p. 46), há semelhanças entre a teoria da motivação por realização e os fatores de satisfação de Herzberg, pois ambas as abordagem buscam tornar intrínsecos os elementos gerados no ambiente, atrelando a motivação "aos princípios que operam o condicionamento e a gestão comportamental".

Cumpre acrescentar que as abordagens acima citadas ainda não são de consenso e, tampouco, há uma teoria definitiva. Godoi (2001, p. 18) alerta que "...acerca da conceitualização de motivação (principalmente diante da teoria piagetiana do conhecimento construído na ação) [....] há, implícita ao conceito de motivação, a expressão "motivos para a ação". A autora prossegue observando que a motivação diz respeito a atos, e a palavra "ato" é utilizada como categoria mais ampla de eventos que interessam à psicologia motivacional. Motivação, assim, consiste em "um conjunto de relatos de escolhas, intensidades e sentimentos dos atos". Ampliando a sua abordagem, a autora igualmente alerta para uma tendência ao reducionismo e à simplificação, ou seja,

> [e]ntre a dúvida se o conceito é compreendido em termos de um desejo de se empenhar em dada tarefa, ou em termos de certas qualidades e demais motivações gerais que definem os seres humanos – centro da discussão cognitivo-afetivo-pulsional [...] atribuem a motivação apenas a um desejo de "sentir-se bem" a um desejo de prazer descomplicado. Mesmo teorias mais reconhecidas reduzem a questão das categorias motivacionais, por exemplo, a uma orientação à aprendizagem e perícia (Harter, 1992), a uma necessidade de competência e auto-determinação (Deci e Ryan, 1992), ou ao relacionamento e envolvimento com os outros (Deci e Ryan, 1992). (2001, p. 19)

Godoi ainda reforça que o consenso em relação ao compo da motivação está longe de ser alcançado, existindo, atualmente, três vias de pesquisas neste campo: o debate da competência e do desempenho; a questão inexplorada do comprometimento; e a via mais global, mais ambiciosa da recomposição de uma psicologia geral da motivação.

Aplicada a uma perspectiva da motivação voltada à produção científica, as palavras de Godoi ampliam o que foi apontado por Witter (1997) apud Robl e Meneghel[2], defendendo que o enfoque de estudos sobre a produção científica deve contemplar as variáveis do contexto, do processo, do produtor, do consumidor e do impacto. Ou seja, não é suficiente contabilizar a produção, tornando-se preciso considerar, antes de tudo, as condições do processo de produção. Neste caso específico, depreende-se que, nas condições do processo de produção, estão os fatores/dimensões motivacionais.

OS FATORES DE MOTIVAÇÃO DOS PESQUISADORES

No escopo do presente estudo, encontra-se o interesse em conhecer as motivações que movem os pesquisadores a apresentarem trabalhos em eventos científicos. Para tanto e com o intuito de facilitar a compreensão, foram definidas quatro categorias ou blocos de motivações: científico-profissionais; pessoais; financeiras; e tecnológicas. Em relação a estas categorias e considerando-se a amplitude e a complexidade do tema, deve-se ponderar que um motivo pode, em quase todos os casos, pertencer a mais de uma categoria concomitantemente — por exemplo, um motivo financeiro não deixa de ser pessoal. Em outros casos, os motivos apresentam semelhanças, interdependências e complementaridades, distinguindo-se entre si apenas sutilmente — por exemplo, "fomentar a troca de idéias" também pode constituir um motivo para "aprimorar o trabalho". Respeitadas tais ponderações, foram identificados como fatores que motivam os pesquisadores:

a) Motivações científico-profissionais

- *Apresentar novos conhecimentos à comunidade científica da área:* contribuir com novos conhecimentos à sua área constitui uma das principais motivações dos pesquisadores para publicar e comunicar os resultados de suas pesquisas (Tenopir e King, 2001).

- *Possibilidade de interação imediata com os pares: a*o expor o trabalho à apreciação/avaliação dos pares, estes podem interagir imediatamente, apresentando as suas dúvidas, críticas e comentários, apreciando e ao mesmo tempo avaliando o trabalho apresentado. Segundo Campello (2000), este aspecto ganha destaque pelo caráter instantâneo dos eventos

científicos, comparado à morosidade e ao número restrito de avaliadores que participam de outros canais de comunicação, como as revistas científicas. A autora salienta: "a apresentação oral do trabalho no encontro tem a vantagem de possibilitar que críticas e sugestões sejam feitas na hora, de forma a permitir uma retroalimentação instantânea, podendo envolver vários pontos de vista" (*ibdem*, 2000, p. 56).

- *Fomentar a troca de idéias: a* comunicação pessoal constitui uma necessidade entre os membros de uma comunidade científica e, neste aspecto, os eventos científicos representam um dos principais canais para permitir a comunicação informal. Quanto a isso, Campello (2000, p. 57) destaca que "a possibilidade de se comunicar pessoalmente com seus pares é de fundamental importância para o cientista, constituindo uma das maiores motivações para seu comparecimento a eventos e a impossibilidade de participar pode trazer uma sensação de isolamento e frustração".

- *Aprimorar o trabalho: o*s docentes-pesquisadores também podem se valer da apresentação de um trabalho em evento especialmente para aprimorá-lo. Essa possibilidade se dá principalmente quando os trabalhos ainda não foram concluídos ou quando o(s) autor(es) desejam melhorar o trabalho para publicá-lo em revista científica. Neste caso, Petroianu (2002) esclarece que "tal procedimento é aconselhável, pois o debate que o trabalho pode gerar freqüentemente se acompanha de sugestões úteis ao enriquecimento da pesquisa e de seu manuscrito. Novos estudos na mesma linha também podem ser criados em conseqüência de tais discussões".

b) Motivações pessoais

- *Obter prestígio e reconhecimento:* obter prestígio e reconhecimento junto à sociedade e aos seus pares, constitui um motivo substancial que leva docentes e pesquisadores a empreenderem esforços para participarem de diferentes meios de comunicação científica.

- *Reencontrar colegas e amigos:* uma vez que um evento reúne profissionais de uma mesma área, considera-se pertinente que os participantes deste sejam motivados pela expectativa de reencontrar os seus colegas. Neste aspecto, observa-se, sobretudo a boa relação entre os participantes do evento, que além de um relacionamento profissional, prezam pelo coleguismo e pela amizade.

- *Ampliar a rede de relacionamentos:* a possibilidade de conhecer novos colegas, entre os quais membros proeminentes da comunidade científica, também consiste em motivo potencial. Com esta motivação, entende-se que a intensidade e a diversidade do relacionamento

---

[2] ROBL, Fabiane, MENEGHEL, Stela M **Os desafios da Produção Acadêmica em Instituições Periféricas:** um estudo sobre a

entre os pares condizem com a interatividade entre os mesmos, revertendo-se de forma positiva para o desenvolvimento científico e acadêmico destes.

- *O local onde o evento é realizado:* o apelo turístico de um determinado local constitui um importante fator que move, em certa medida, o interesse dos pesquisadores a participarem e apresentarem os seus trabalhos em eventos.

- *Facilidade e satisfação no que concerne à apresentação de trabalhos:* em alguma medida, a participação é motivada pela facilidade e satisfação que um autor sente para apresentar um trabalho em público — ou vice-versa. Considerada tal circunstância, Petroianu (2002) elucida que, em certos casos, autores diretamente envolvidos com uma pesquisa deixam de apresentá-lo, encarregando para tanto um co-autor ou até pessoas que não tiveram participação na pesquisa. Mas também é válido ilustrar este fator com Tsallis (1985, citado por Ohira, 1998)[3], o qual denota que a produção de pesquisas, por si só, gera bem estar (psíquico e material) e gera prazer (de aceder ao difícil, de trocar).

c) Motivações financeiras

- *Possibilidade de obter financiamento/auxílio para apresentar o trabalho:* muitas instituições financiam as despesas relativas à participação de seus pesquisadores em eventos, buscando, deste modo, estimular que estes apresentem e disseminem os resultados de suas pesquisas. Tal aspecto constitui fator que, obviamente, justifica a apresentação de uma parcela dos trabalhos.

- *Exigência para ascensão acadêmico/profissional:* a maior parte das instituições ligadas à pesquisa contam com planos de carreira e programas de estímulo à produção científica, em que os pesquisadores ganham pontos à medida que publicam. Um exemplo é a gratificação de estímulo à docência (GED), no âmbito do ensino médio e superior da esfera pública federal; outro é a obrigatoriedade do preenchimento de currículos na Plataforma LATTES/CNPQ, como condição para o reconhecimento de produtividade científica, entre outros fatores.

d) Motivações tecnológicas

- *Facilidade proporcionada pela Internet para submeter trabalhos e se inscrever no evento:* a Internet constitui um recurso de significativo valor na divulgação de eventos, facilitando também o processo de inscrição dos participantes e de submissão dos trabalhos, aspectos esses que, até certo ponto, também podem ser considerados como motivadores.

FURB. 27ª reunião anual da ANPED GT 11 - Política de Educação Superior. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~anped11/>

3 TSALLIS, Constantino. Por que pesquisa na Universidade? Ciência e Cultura, v. 37, n. 4, p.570-572, abr. 1985.

- *A informação se tornou mais acessível com a Internet, facilitando identificar e participar de mais eventos:* não é difícil observar que, visando ampla disseminação, os organizadores de eventos elaboram e publicam o *site* do mesmo na Internet com até um ano de antecedência. A acessibilidade da informação possibilitada pela Internet pode constituir um fator marcante para participar e apresentar trabalhos.

O ciclo que apenas se abre com os fatores descritos acima lançam o desafio da estruturação de um instrumento de coleta de dados enxuto e pertinente aos objetivos gerais do projeto como um todo. Da mesma forma, questiona-se — dada a ênfase em aspectos motivacionais — qual será a receptividade e o grau de participação da comunidade alvo desta proposta, considerando-se tanto o aspecto que considera os sujeitos deste universo como pesquisadores, mas — de forma mais contundente — profissionais ligados às áreas da informação e da comunicação, duplamente afetados pelos processos que esta proposta de pesquisa pretende investigar.

COMENTÁRIOS FINAIS

Com o projeto de pesquisa que dá origem a este estudo, almeja-se discutir aspectos ainda pouco explorados relativos à comunicação científica. Considera-se que as razões que podem impulsionar indivíduos e grupos a apresentarem contribuições à ciência são, normalmente, identificadas como sendo uma reação à existência de um "sistema de recompensas", quando, sob um outro ponto de vista, este mesmo sistema de recompensas é apenas resultado da tentativa de validar (e por que não dizer, quantificar) questões de cunho emocional e cognitivo, que repousam no cerne da inquietação do indivíduo, motor do seu desejo de compreender o mundo e de aprender. Neste particular, as características extremadas de virtualidade, de desterritorialização, de rapidez, de ubiqüidade, de simultaneidade e de fluidez (Lévy, 1996) trazidas no bojo da Internet (e outras conhecidas como Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação – NTICs) refletem-se em mudanças significativas nos processos relativos à aprendizagem, à comunicação e à informação, às quais os indivíduos reagem de diferentes maneiras. É neste sentido — de dar a palavra ao agente humano envolvido no processo de comunicação científica — que o projeto como um todo repousa sua intenção.

REFERÊNCIAS

MORENO, Fernanda Passini; ARELLANO, Miguel Ángel Márdero. Publicação científica em arquivos de acesso aberto. **Arquivística**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.76-86 jan./.jun. 2005. Disponível em: <www.arquivistica.net>. Acesso em: 20. Mar. 2006.

AUGER, C. P. **Information sources in grey literature**. London, England: Bawker-Saur, 1998.

BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia geral**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da aprendizagem**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

CARMO, João dos Santos; PRADO, Paulo Sérgio Teixeira do. Apresentação de trabalho em eventos científicos: comunicação oral e painéis. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, Jan./Jun. 2005. p. 131-142,

COSTA, Idevânia Geraldina *et al*. Comunicação: o caminho para a expansão do conhecimento científico em enfermagem. **Simposio Brasileño de Comunicación en Enfermaria**. SIBRACEN. Mayo, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=MSC000000005200 2000200057&lng=es&nrm=iso> Acesso em: 10. Jan. 2006.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

FIUZA, Patricia Jantsch. **Aspectos motivacionais na educação à distância**: análise estratégica e dimensionamento de ações. 2002. 124f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

GODOI, Christiane Kleinübing. **Categorias da motivação na aprendizagem**. 2001. 417 fls. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

HURD, Julie M. Models of scientific communications systems. **Information Today**, v. 9, n. 33, 1996.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, Jan./Apr. 2003.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000a. p. 21-34.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **Datagrama Zero**: Revista de Ciência da Informação, v.6, n.1, fev. 2005. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/fev05/F_I_art.htm> Acesso em: 13. Mar. 2006

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado, CAMPELLO, Bernadete Santos, DIAS, Eduardo José Wense Disseminação da pesquisa em ciência da informação e biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id= 494&layout=abstract> Acesso em: 21 mar. 2006.

PETROIANU, Andy. Autoria de um trabalho científico. **Revista da Associação Médica Brasileira**. v. 48, n. 1, São Paulo, Jan./Mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script= sci_pdf&pid= S0104-42302002000100034&lng=pt&nrm=iso.htm&tlng=pt> Acesso em: 10. Jan. 2006.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar *et al*. **Produção científica**: características das comunidades científicas brasileiras da área de Ciência da Informação segundo parâmetros cienciométricos. Escola de Comunicação e Artes (ECA) - Núcleo de Pesquisa: Produção Científica. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: Mar./1999.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt. Por que fazer pesquisa na universidade? **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina. Florianópolis, v.3, n.3, 1998.

SCHMIDT, Luciana; OHIRA, Maria Lourdes Blatt. Bibliotecas virtuais e digitais: análise das comunicações em eventos científicos (1995/2000). **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina. Florianópolis , v. 7, n. 1, 2002

TENOPIR, C.; KING, D. W. A importância dos periódicos para os trabalhos científicos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n. 1, jan/jun 2001.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, maio/ago. 2002